



### ARTIGO REVISÃO INTEGRATIVA

## EMANCIPAÇÃO DAS MULHERES EM SUA CONDIÇÃO DE OPRIMIDAS E SUBORDINADAS AO HOMEM: REVISÃO INTEGRATIVA

### EMANCIPATION OF WOMEN IN THEIR CONDITION OF OPPRESSED AND SUBORDINATED TO MAN: AN INTEGRATIVE REVIEW

### EMANCIPACIÓN DE LAS MUJERES EN SU CONDICIÓN DE OPRIMIDAS Y SUBORDINADAS AL HOMBRE: UNA REVISIÓN INTEGRADORA

Kerle Dayana Tavares de Lucena<sup>1</sup>, Wenderson Renovato de Lima<sup>2</sup>, Layza de Souza Chaves Deininger<sup>3</sup>, Hemílio Fernandes Campos Coelho<sup>4</sup>, Rodrigo Pinheiro de Toledo Vianna<sup>5</sup>, Ulisses Umbelino dos Anjos<sup>6</sup>

#### RESUMO

**Objetivo:** analisar na literatura as discussões acerca da violência de gênero que versem sobre a emancipação das mulheres de sua condição de oprimidas e subordinadas ao homem. **Método:** revisão integrativa, utilizando os descritores Identidade de Gênero, Violência Domestica, Violência contra a mulher nas bases de dados: MEDLINE, LILACS, REPIDISCA, BDEF e IBESCS. A coleta foi realizada no período de agosto a outubro de 2014. Foram construídas três categorias de análise. **Resultados:** as publicações emergiram a partir de 2007, o que provavelmente está diretamente ligado a lei Maria da Penha, os principais anos de publicação foram 2007, 2009, 2011, 2012. **Conclusão:** foram poucos artigos que atenderam ao delineamento, demonstrando a necessidade de mais estudos sobre essa temática para dar visibilidade ao fenômeno da violência doméstica contra a mulher, é fundamental que se construa alternativas que levem ao empoderamento dessas mulheres.

**Descritores:** Identidade de Gênero; Violência Contra a Mulher; Violência Doméstica.

#### ABSTRACT

**Objective:** analyzing in the literature discussions about gender-based violence that deal with women's emancipation of his oppressed condition and subordinate to man. **Method:** an integrative review, using the descriptors: Gender Identity, Domestic Violence, Violence against women in databases: MEDLINE, LILACS, REPIDISCA, BDEF and IBESCS. Data collection was conducted from August to October 2014 There were built three categories of analysis. **Results:** publications emerged from 2007, which probably is directly connected to the Law 'Maria da Penha'; the prime years of publication were 2007, 2009, 2011, and 2012. **Conclusion:** there were few articles that met the design, showing the need for more studies on this topic to give visibility to the phenomenon of domestic violence against women, it is essential to build alternatives that lead to empowerment of these women. **Descriptors:** Gender Identity; Violence against Women; Domestic Violence.

#### RESUMEN

**Objetivo:** analizar las discusiones en la literatura acerca de la violencia de género que tienen que ver con la emancipación de la mujer de su condición de oprimidas y subordinadas al hombre. **Método:** es una revisión integradora, utilizando los descriptores de la identidad de género, la violencia doméstica, la violencia contra las mujeres en las bases de datos: MEDLINE, LILACS, REPIDISCA, BDEF y IBESCS. La recolección de datos se llevó a cabo desde agosto hasta octubre 2014. Se construyeron tres categorías de análisis. **Resultados:** publicaciones surgieron a partir de 2007, lo que probablemente se conecta directamente a la Ley Maria da Penha, los mejores años de la publicación fueron 2007, 2009, 2011, 2012. **Conclusión:** había pocos artículos que cumplieron el diseño, lo que demuestra la necesidad de más estudios sobre este tema para dar visibilidad al fenómeno de la violencia doméstica contra las mujeres, es esencial para construir alternativas que conducen a la potenciación del papel de estas mujeres. **Descriptores:** Identidad de Género; Violencia contra la Mujer; Violencia Doméstica.

<sup>1</sup>Enfermeiro egresso, Faculdade de Ciências Médicas da Paraíba. João Pessoa (PB), Brasil. Email: [wendersonrl@yahoo.com.br](mailto:wendersonrl@yahoo.com.br);

<sup>2</sup>Enfermeira, Doutoranda em Modelos de Decisão e Saúde, Universidade Federal da Paraíba/UFPB. João Pessoa (PB), Brasil. Email: [kerledayana@yahoo.com.br](mailto:kerledayana@yahoo.com.br); <sup>3</sup>Enfermeira, Mestranda em Modelos de Decisão e Saúde, Universidade Federal da Paraíba/UFPB. João Pessoa (PB), Brasil. Email: [layzasousa12@hotmail.com](mailto:layzasousa12@hotmail.com); <sup>4</sup>Estatístico, Doutor em Estatística, Universidade Federal da Paraíba/UFPB. João Pessoa (PB), Brasil. Email: [hemiocoelho@gmail.com](mailto:hemiocoelho@gmail.com); <sup>5</sup>Nutricionista, Doutor em Saúde Pública, Universidade Federal da Paraíba/UFPB. João Pessoa (PB), Brasil. Email: [vianna\\_rodrigo@gmail.com](mailto:vianna_rodrigo@gmail.com); <sup>6</sup>Estatístico, Doutor, Universidade Federal da Paraíba/UFPB. João Pessoa (PB), Brasil. Email: [uanjos@gmail.com](mailto:uanjos@gmail.com)

## INTRODUÇÃO

A violência contra as mulheres é um fenômeno histórico, social, complexo. Acompanha a humanidade em seu percurso histórico, atravessando épocas, antes mesmo da década de 80, já era “naturalizado” por muitas civilizações, inclusive no Brasil.<sup>1</sup> Em determinadas situações a lei permitia a morte da mulher pelo marido em caso de traição. Nos dias atuais se caracteriza como um problema de saúde pública mundial, atingindo indistintamente mulheres de diferentes idades, etnias, credos, culturas e classes sociais.<sup>2</sup>

Ao longo da história a espécie humana desenvolveu suas diversas relações sociais, onde se moldou através do tempo perfis comportamentais entre homens e mulheres, constituindo a desigualdade entre os sexos, gerando impactos na vida individual e coletiva das mulheres, ocasionando a dominância e a prevalência do sexo masculino sobre o feminino, sendo identificada como um todo, tanto através da violência contra a mulher, quanto na discrepância social, profissional e salarial, quais ainda são acometidas, não tão somente como também a desproporção de cargos executivos e até mesmo o preconceito de certas áreas de atuação trabalhista e cargos políticos.<sup>1</sup>

Com a desigualdade de gênero, a violência decorrida da opressão, como a violência doméstica e a institucional, traduzidas em violência física, emocional e social realizadas de diferentes modos, com as restrições a participação da vida pública, social e política a discriminação, a interdição da vontade sobre o destino sobre o corpo, ocupam o cenário da sociedade civil, provocando impactos na saúde das pessoas.<sup>3</sup>

O mais preocupante dessa disparidade é que a violência, não obrigatoriamente a forma física, comumente se manifesta através da desigualdade, promovida pelo estereótipo e é uma ameaça permanente a vida por sua alusão a morte, algo agressivo ao psicológico dessas mulheres e ainda se caracteriza pela passividade e o silêncio da vítima, por ser um problema de saúde pública se faz necessário um olhar mais dinâmico sobre esta temática.<sup>4</sup> Atingindo principalmente o contexto intrafamiliar, essas agressões são promovidas principalmente pelo próprio cônjuge sendo casado ou não e ainda em alguns casos ex-maridos que possuem o domínio de suas parceiras que vivem subordinadas aos mesmos.<sup>2</sup>

O tema da violência contra a mulher ganhou força no debate mundial partir de

1975, quando a ONU realizou o primeiro dia internacional da mulher, mas só em 1993 foi que a comissão de direitos humanos da ONU incluiu um capítulo de denúncia que propõe medidas para coibir a violência de gênero.<sup>5</sup> Em 1995 em Beijing, na China foi realizado a IV conferência mundial sobre a mulher, no relatório final fora exposta a afirmação de que a violência contra a mulher constitui obstáculo para que se alcancem os objetivos da igualdade, desenvolvimento e paz. A afirmativa podendo ainda ratificar a desigualdade entre os gêneros como fator social preocupante.<sup>4</sup>

No Brasil um dos maiores marcos acerca da temática, ocorreu na década de 1980 a partir dos movimentos feministas abordando a questão da violência no nível da esfera pública federal no qual obtiveram êxito e tiveram como retorno políticas públicas voltadas em defesa da mulher, como a criação de delegacias da mulher, centros jurídicos e de apoio social as mulheres em situação de violência e casas de abrigo.<sup>6</sup>

Um mecanismo que veio para ratificar as ações em defesa da violência doméstica e familiar foi a lei 11.340/2006 conhecida como a lei “Maria da Penha”, como forte arma judicial para proteção das mulheres vitimizadas e assim tentar diminuir os índices de violência de gênero.<sup>7</sup> Nessa perspectiva, objetivou-se:

- ♦ Analisar na literatura as discussões acerca da violência de gênero que versem sobre a emancipação das mulheres de sua condição de oprimidas e subordinadas ao homem.

## MÉTODO

Estudo bibliográfico do tipo revisão integrativa. Este método possibilita a busca à avaliação crítica e a síntese das evidências disponíveis sobre o tema investigado, por reunir e contemplar o conhecimento científico produzido, por meio da análise dos resultados já evidenciados em estudos de pesquisadores sobre o determinado tema. Além de seu produto final evidenciar o estado atual do conhecimento sobre determinado tema, serve de subsídio para a implementação de intervenções efetivas em políticas públicas, na saúde e na sociedade bem como para a identificação de lacunas que direcionem para o desenvolvimento de pesquisas futuras.

Salienta-se ainda que, essa pesquisa obedeceu às seis etapas propostas para realização de uma revisão integrativa<sup>8</sup>:

Primeira etapa: identificação do tema e seleção da hipótese ou questão de

pesquisa para a elaboração da revisão sistemática;

Segunda etapa: estabelecimento de critérios para inclusão e exclusão de estudos/amostragem ou busca na literatura;

Terceira etapa: definição das informações a serem extraídas dos estudos selecionados/ categorização dos estudos;

Quarta etapa: avaliação dos estudos incluídos na revisão sistemática;

Quinta etapa: interpretação dos resultados e;

Sexta etapa: apresentação da revisão/síntese do conhecimento.

Foi definida como questão de pesquisa << As discussões acerca da violência de gênero versassem sobre a emancipação das mulheres de sua condição de oprimidas e subordinadas ao homem? >>

Realizou-se a busca por meio de levantamento retrospectivo de publicações que abordaram o tema violência de gênero e que versaram sobre sua emancipação sobre a condição de oprimidas e subordinadas ao ser masculino, no período de 2004 a 2014, com o objetivo de evidenciar a produção científica prevalente, a busca foi realizada visando rigor no processo de seleção dos artigos, as bases de dados utilizadas foram, a Medical Literature Analysis and Retrieval System Online (MEDLINE), Literatura Latino-Americana e do Caribe (LILACS), Rede pan-americana de informação e documentação em engenharia sanitária e ciências do ambiente (REPIDISCA), Index Psi Periódicos Técnico-Científicos (INDEXPSI), Base de dados em enfermagem (BDENF), An Integrated Building Environmental Communications System (IBECS).

A coleta do material para pesquisa foi realizada no período de agosto a outubro de 2014, com descritores padronizados e disponíveis nos Descritores em Ciências da Saúde (DECS) “Identidade de Gênero”, “Violência Doméstica”, “Violência contra a mulher”.

Foram estabelecidos como critérios de inclusão artigos nacionais e internacionais indexados nas bases de dados já mencionadas, publicados em português, inglês e espanhol, que abordassem o tema proposto, disponíveis na íntegra na internet de maneira gratuita. Como critérios de exclusão, tese, documento de projeto, terminologia, congresso e

conferência, monografia, recursos não científicos disponíveis na internet, artigos que após a leitura do resumo não convergiram com os objetivos propostos e as duplicatas nas bases de dados.

Após a leitura dos artigos, os estudos selecionados foram analisados e classificados de acordo com o nível de evidência: I - revisões sistemáticas ou metanálise de relevantes ensaios clínicos; II - evidências de pelo menos um ensaio clínico randomizado controlado bem delineado; III - ensaios clínicos bem delineados sem randomização; IV - estudos de coorte e de caso-controle bem delineados; V - revisão sistemática de estudos descritivos e qualitativos; VI - evidências derivadas de um único estudo descritivo ou qualitativo; VII - opinião de autoridades ou comitês de especialistas incluindo interpretações de informações não baseadas em pesquisas.<sup>9</sup>

Durante a análise do material buscou-se focar na temática proposta, violência de gênero e que versem sobre sua emancipação das condições de oprimidas e subordinadas ao ser masculino, através da leitura atenta dos artigos envolvidos na pesquisa e objetivando trazer novas discussões no contexto tão amplo que é a violência de gênero.

## RESULTADOS

Para análise dos artigos utilizou-se autor, base de dados, ano, objetivo do estudo e periódico, que serviram de alicerce para a construção das seguintes categorias de análise: Compreender o fenômeno na perspectiva da mulher oprimida; Desmistificar os processos desse fenômeno e promover possíveis intervenções e A emancipação propiciada a partir dos profissionais de saúde. Foram encontrados através dos descritores: Identidade de Gênero, Violência contra a mulher e Violência Doméstica, respectivamente 2.918, 271 e 2.088 artigos, no entanto após uma leitura flutuante sobre os títulos, temas e resumos pertinentes buscando identificar a relação com a temática abordada apenas 11, 69, 57 artigos respectivamente, acima citados, posteriormente a uma leitura detalhada desses periódicos, 19 artigos totais permaneceram, no entanto dois foram posteriormente excluídos devido a não responderem a todos os critérios de inclusão após uma leitura na íntegra desse material, assim 17 artigos compõem a amostra total desta revisão integrativa, conforme Figura 1.

Código	Autores	Base de dados	Ano	Objetivo do estudo	Periódico
A1	Guedes RN, Silva ATMC, Coelho EAC.	LILACS	2007	Compreender o significado do fenômeno para as mulheres que a sofrem.	Rev eletrônica enferm
A2	Guedes RN, Silva ATMC, Coelho EAC.	BDEF	2007	Compreender as concepções de mulheres profissionais sobre suas próprias identidades sociais nos espaços público e privado em que estão inseridas e analisar as convergências/distanciamentos entre os significados da vida da mulher profissional e os da vida da mulher de quem a profissional cuida.	Online Braz J Nurs (Online)
A3	Guedes RN, et al.	LILACS	2007	Compreender o significado da violência conjugal, segundo a concepção das mulheres que a sofrem.	Online Braz J Nurs (Online)
A4	Cerruti MQ, Rosa MD.	LILACS	2008	Demonstrar o processo da construção da mulher como vítima por dois ângulos. De um lado aborda, com os instrumentos da psicanálise, a posição subjetiva da mulher, especialmente através dos conceitos de eu, narcisismo, masoquismo fundamental e implicação subjetiva. De outro lado visa examinar o modo pelo qual o discurso jurídico articula-se à dimensão subjetiva, contribuindo para a vitimização da mulher.	Rev mal-estar subj
A5	Pedrosa CM	LILACS	2009	Auxiliar mulheres em situação de violência e profissionais de saúde a compreender o problema e nele intervir a partir da realidade local.	Paidéia (Ribeirão Preto)
A6	Guedes RN, Silva ATMC, Fonseca RMGS.	BDEF	2009	Compreender e analisar as repercussões da violência conjugal no processo saúde doença das mulheres.	Rev Enferm Esc Anna Nery
A7	Fonseca, RMGS, et al.	LILACS	2009	Compreender o posicionamento e as práticas cuidativas no cotidiano do trabalho em saúde, para subsidiar processos de qualificação do trabalhador a respeito do tema.	Rev Lat Am Enferm
A8	Yepes FLD, Hernández CE	LILACS	2010	Avaliar o problema da violência doméstica e entre gerações em um Embera indígena.	Invest educ enferm
A9	Timm FB, Pereira OP, Gontijo DC.	Index Psi Periódicos Técnicos Científicos	2011	Realizar uma articulação entre a escuta clínica em psicologia e o feminismo, buscando, como resultado dessa articulação, explicitar a proposta de uma metodologia de atendimento engajada e politizada para o atendimento às mulheres em situação de violência.	Rev psicol política
A10	Guedes RN, Fonseca RMGS	BDEF	2011	Apresentar categoria referente a necessidades relacionadas à autonomia, reconhecidas pelos profissionais da Estratégia Saúde da Família no que concerne à atenção à saúde de mulheres que vivenciam violência.	Rev Esc Enferm USP
A11	Montoya JHE, Sánchez-Alfaro LA.	LILACS	2011	Compreender a investigação social, desde a definição e caracterização das categorias teóricas explicativas que podem levar a uma melhor conta do problema estudado e suas possíveis respostas a partir de uma política pública liderada pelo governo colombiano.	Rev colomb bioética
A12	Vieira LB, et al.	LILACS	2012	Aprender os "motivos para" da mulher que realiza a ação de denunciar seu vivido em situação de violência.	Acta paul enferm
A13	Porto M, Bucher-Maluschke JSNF	Index Psi Periódicos Técnicos Científicos	2012	Conhecer como os psicólogos/as entendem questões referentes à identificação da violência contra as mulheres nos atendimentos que realizam e como explicam as motivações para que algumas delas permaneçam em relações mediadas pela violência.	Psicol estud
A14	Lucena KDT, et al.	LILACS	2012	Investigar a distribuição espacial da violência doméstica para subsidiar os gestores no processo de tomada de decisão.	Cad Saude Publica
A15	Freitas WMF, Oliveira MHB, Silva ATMC.	LILACS-Express	2013	Analisar o conteúdo da conferência proferida pelo professor baiano Jairnilson Paim, no IX Congresso Brasileiro de Saúde Coletiva, realizado em Recife (PE), em 2009.	Saúde debate
A16	Almeida LR, Silva ATMC,	LILACS-Express	2013	Destacar o uso dos Serious Games (SG) para contribuir com a qualificação das práticas profissionais.	Rev bras educ méd

A17	Machado LS. Almeida LR, Silva ATMC, Machado LS.	LILACS	2014	Analisar as práticas profissionais na atenção à saúde da mulher em situação de violência, identificando os elementos do processo de trabalho e sua relação com a emancipação da opressão de gênero.	Interface
-----	--	--------	------	---	-----------

Figura 1. Síntese dos estudos com as variáveis/autores, base de dados e biblioteca virtual, ano de publicação e periódico. João Pessoa (PB), 2014.

Desse material 15(88,2%) estão em português e 2 (11,8%) em espanhol. Em relação a base de dados foram encontrados na LILACS 10(58,8%), na BDEF 3(17,6%), na INDEXPSI 2(11,8%) e na LILACS-Express 2(11,8%); As publicações emergiram a partir de 2007, o que provavelmente está diretamente ligado a lei Maria da Penha, os principais anos de publicação foram 2007 com 3(17,6%), 2009 com 3(17,6%), 2011 com 3(17,6%), 2012 com 3(17,6%), ainda 2013 com 2(11,9%), os anos de 2008,2010,2014 apresentaram apenas um artigo cada (5,9%). No tocante ao periódico com mais publicação a única que apresentou duas (11,8%) foi a

Online Brazilian Journal of Nursing, as demais contem apenas um a publicação cada, totalizando (88,2%).

A abordagem dessa temática se dá quase exclusivamente pelo sexo feminino, apenas 1 (5,9%) autor é do sexo masculino, os demais (94,1%) foram produzidos por mulheres, isto demonstra o desejo das mulheres em discutir as desigualdades de gênero pelo avanço desse processo lento e cultural da quebra dessa hegemonia, e demonstra ao mesmo tempo a dificuldade de adesão da temática por homens, o que torna a revisão relevante para a área da saúde da mulher e a saúde coletiva.

Código do Artigo	Tipo de Estudo	Nível de Evidência
A1, A2, A3, A4, A5, A6, A7, A8, A9, A10, A12, A13, A14, A15, A17	Qualitativos	VI
A11, A16	Estudos de revisão que apresentam opinião de autoridades ou comitês de especialistas	VII

Figura 3. Artigos conforme tipo de estudo e nível de evidência.

Quanto ao nível de evidência dos 17 artigos apresentados na revisão integrativa 15(88,2%) são estudos qualitativos e 2(11,8%) estudos de revisão que apresentam opinião de autoridades ou comitês de especialistas.

A discussão será apresentada por meio de categorias analíticas que surgiram após na leitura atenta dos artigos e análise descritiva dos resultados.

## DISCUSSÃO

As relações sociais incidem em diversas perspectivas de forma transversal e interligadas no contexto biológico, sentimental, físico e relacional, dessa forma problemática abandona aqui se demonstra como algo complexo e amplo de olhar delicado, pois se trata de vidas e qualidade dessas vidas na perspectiva dessas mesmas, analise a seguir traz exposição do fenômeno que é a opressão dessas mulheres vítimas de violência implicando na necessidade de libertação dessa situação; promovida pelo modelo hegemônico propiciado pelo estereótipo feminino e a subordinação das mulheres aos homens. Este fenômeno constituiu uma contradição que precisa ser identificada, compreendida e enfrentada no enfoque das relações de gênero, no propósito

que essas mulheres venham ter condição sociais de igualdade.<sup>12</sup>

Estruturada a partir de relações familiares sociais patriarcais e estereotipadas fomentam o impedimento das visibilidades e contradições sócias, e o sofrimento dessas mulheres devido à naturalização da desigualdade e da violência promovido pelo modelo biológico de século atrás que incidem em afirmar que o homem é superior a mulher em todas as suas manifestações faz uma imagem de sociedade ordeira, os movimentos sociais por igualdade e isonomia passam a ser explicados pela hegemonia como caos social, desordem e perigo.

O contexto é tão amplo e os costumes tão enrijecidos que ainda mesmo com mudanças iniciativa e condutas transformadoras e a mulher conquistando seu nicho no mercado de trabalho, medidas que os direitos de cidadania foram conferidos a mulher, ingressaram no mercado de trabalho, no mundo publico, mas seus salários eram diferenciados e ainda são em algumas profissões passando assim do sistema de exclusão para o da desigualdade, ratificando essa disparidade que promove relações de subordinação e acabam possibilitando situações de violência e opressão.<sup>21</sup>

Nesse sentido os artigos revelam a violência como um fator, natural, comum em um casamento, deslocamento do poder outorgado socialmente aos homens, cuja naturalização é incorporada pelas mulheres.<sup>12</sup>

O contexto faz com que essas mulheres passem suas vidas acreditando numa falsa verdade causando a sua vida e saúde; física e mental, pois o sofrimento em sua grande maioria não é físico e sim psicólogo, algo silencioso e cumulativo levando a degradação psicológica propiciando depressões dentre outros transtornos mentais. Por outro lado muitas dessas mulheres se permitem viver nessa situação de submissa ao poder masculino, não só por questões como essa a cima, mas outros fatores as obrigam vivenciar esta situação, como dependência econômica e/ou afetiva do parceiro, problemas familiares, ameaças medo. Outras vivem na esperança realização de falsas promessas, onde elas têm a esperança da mudança de atitude, e do comportamento como um todo, algo que provavelmente não se executara na realidade dessas vivências.<sup>13</sup>

O mais cruel é que o envolvimento emocional que permeia as relações de violência conjugal exacerba os efeitos negativos desse fenômeno, na vida das delas os sentimentos de depressão, perda, fracasso, mágoa e desgosto são consequências emocionais que repercutem na saúde mental dessas vitimas da opressão. Um ponto que alguns autores deixam passar, mas que é algo digno de reflexão e deve ser trabalhada de forma articulada, com a área da psicanálise e afins, ela implica em dizer que os sentimentos afetivos, juntamente com o modelo idealizado de mulher, esposa e mãe, revelam-se nos discursos como fortes contradições que dificultam a libertação das mulheres da relação violenta e sua situação de oprimida, assim como sua compreensão desse fenômeno.<sup>14</sup>

A autonomia, a liberdade, o empoderamento podem apresentar-se como objetivos a serem conquistados, estando mais próximo das mulheres que se profissionalizam e se incluem pelo trabalho no mundo publico, ainda que encontrem limites na subjetividade e nos estereótipos dos quais se liberta, esse desejo de conquista e mudança é presente no estudo trazido por Vieira, onde sua abordagem mostra que a intencionalidade da denuncia da violência cometida pelo agressor esta centrada no desejo de ter paz retomar sua vida e seus planos como: estudar, ter o direito de trabalhar, de dormir, relacionasse com amigos e familiares, de escolher roupas desseguir sua vida e coordená-la.<sup>25</sup>

Pode parecer algo inacreditável e é como muitas mulheres ainda vivem nos dias de hoje, de forma desumana como objetos de apropriação dos homens extremamente machistas que têm uma total concepção do seu poder sobre a vida da sua companheira, como se coubesse a ele o poder de decisão da sua vida ou morte, como se ela tivesse um único proposito servi-lo em todo o contexto e amplitude.

A saída dessa situação é objeto de estudo em diversas áreas principalmente a da saúde, não deixando de ser segmento importante de outras áreas sociais, jurídicas, antropológicas e analíticas. Onde a abordagem de gênero tem permitido aos pesquisadores enfrentar o desafio de repensar sobre as desigualdades nas relações produzidas entre os sexos a luz da produção e reprodução dos diferentes contextos sociais e históricos, nessa perspectiva a violência contra a mulher reproduz um fenômeno que acontece na sociedade mis ampla, que é a violência da dominação de classes sociais, explicada como algo natural, racional e legal, é esse estilo de pensamento e ideologia que torna invisível o processo da violência no espaço público.

Com uma linguagem única diversos artigos a violência como um problema de saúde publica e que requer articulações ativas com o sistema já existente de proteção da mulher vitima de violência com o sistema de saúde, promovendo redução e combate aos danos nessas mulheres e corroborando como ferramenta fundamental ao combate a violência contra a mulher.

Os profissionais de saúde, particularmente os que atuam em saúde publica trabalham muito tempo em contato com a comunidade e com os problemas vividos por ela, sendo essa particularidade fator que contribui para o desenvolvimento de estratégias no sentido de prevenir, enfrentar e/ou amenizar os problemas, articulando de forma que o serviço de saúde venha abrir espaços para que os profissionais possam constituir como sujeitos motivados a conhecer-se, defender-se e liberta-se de amarras resultantes de um processo histórico e cultural, que lhe eleve a um status social de emancipação da opressão. As políticas públicas e as praticas profissionais podem ser instrumentos emancipatórios fortes<sup>1</sup>.

Na compreensão do contexto apropria mulher tem o papel principal nessa mudança podendo tornasse sujeito da sua própria vida, superando relações de subordinação e opressão que as condicionam a esse tipo de violência, na busca de relações sociais igualitárias, proporcionado transformações

Lucena KDT de, Lima WR de, Deininger LSC et al.

Emancipação das mulheres de sua condição de...

socioculturais. Na pesquisa realizada por alguns atores desvelou-se o desejo das mulheres de retomarem suas vidas, expressando o desejo de exercer sua cidadania e seus direitos humanos, como a liberdade, de ir e vir. As mulheres precisam lutar muito ainda para alcançarem uma isonomia social de papeis e valores culturais, uma ferramenta muito importante nesse processo é a independência financeira, que em algumas abordagens tem o papel transformador e libertador da situação de violência conjugal.<sup>16</sup>

A independência financeira possibilita maiores condições de superação de desigualdade de gênero e da situação de oprimida, através da qualificação profissional e do trabalho, isto lhes proporciona autonomia e liberdade fomentando instrumentos para enfrentar a desigualdade de gênero ainda que nos limites da singularidade de cada mulher.

A violência baseada em gêneros associa com a concepção social e biológica da relação homem mulher, apontando questões históricas, tradicionais e ideológicas, onde a desigualdade de gênero se exacerba e transforma a mulher em subordinada, com a justificativa do modelo biológico e patriarcal, que implica em dizer que a mulher é inferior ao homem, coagindo a sociedade em favor do sexo masculino, sendo assim o um ser opressor constituindo um fenômeno social que influencia no modo de viver, adoecer e morrer das mulheres.<sup>23</sup>

A violência de gênero sofrida por essas mulheres apresentam um padrão comum revelando a omissão tanto da sociedade, profissionais e principalmente das próprias vítimas, como já foi citado ou por questões culturais hegemônicas, medo e pela própria opressão. Segundo alguns autores as características mais recorrentes para conceituar a violência de gênero encontram-se o emprego da força física, a submissão e a opressão, a aplicação dessas forças ao impor a mulher contra seu desejo resulta em danos a saúde física e mental. A violência contra a mulher pode se manifestar de vários modos, suas formas mais atroz e condenáveis geralmente oculta outras situações menos escandalosas, onde se esconde o maior risco por não ser tão visível os danos psicológicos nessas mulheres são resultado de anos de sofrimento, causando danos em toda sua transversalidade no âmbito biopsicossocial dessas vítimas.<sup>1,25</sup>

Os danos são inúmeros desde as desigualdades sociais, a riscos físicos e psicológicos, e morte, entre outros aspectos

que demandam por consultas hospitalares, encaminhamentos e exames no setor saúde. Um estudo realizado com mulheres vitimadas trazem diversos pontos importantes vivenciados por elas, como mulheres em lugar social de submissão; a potencialização dos efeitos pela não denúncia da agressão sofrida, produzindo invisibilidade do impacto da violência sobre a saúde das mulheres; episódios recorrentes em uma escala cada vez de maior gravidade; ansiedade decorrente da violência, desencadeando diversos danos de ordem física; o alcoolismo como possível agravante e desencadeante da violência; impossibilidade de viver sua sexualidade de maneira satisfatória; o descaso do estupro conjugal; perda de auto estima e do desejo de viver, ainda traz a reflexão sobre a importância desse fenômeno que é a violência conjugal, mediante ao agressor ser uma pessoa que constitui o seu lar e compartilha sua vida.<sup>12,1</sup>

Estudos trazem ideologias, reflexões a cerca do enfrentamento dessa situação, esse conhecimento produzido através destes pesquisadores tem imensa importância na construção do censo crítico capaz de motivar as mudanças necessárias para a libertação de milhares de mulheres da opressão vivida por elas.

A proposta do Sistema Único de Saúde (SUS), comporta a teoria da determinação social do processo saúde-doença que a compreende como fenômeno que se determina na esfera social, dessa forma o enfrentamento da violência de gênero deve considerar as dimensões estrutural, particular e singular da realidade objetiva, sendo fundamental que os serviços de saúde passem a procurar identifica-lo, compreende-lo em sua profundidade pra enfrenta-lo, tendo como eixo norteador uma ruptura com a tradição do modelo hegemônico em toda sua transversalidade social, através dos profissionais de saúde qualificados, contando com articulações políticas que tenham a capacidade de desconstruir esta desigualdade e que venha agir em todos os âmbitos da saúde.<sup>25,4,26</sup>

Uma metodologia capaz de articular de forma integral os serviços de saúde e a rede já existente de defesa e combate a violência contra a mulher, garantindo segurança tanto aos profissionais envolvidos como serviços de qualidade a essas vítimas promovida pelos poderes públicos, desenvolvida pela sociedade, com parceria de órgão que lutam pelo mesmo ideal, capaz de receber essas mulheres proporcionando segurança e havendo ações ativas, essa estratégia seria a porta para um

Lucena KDT de, Lima WR de, Deininger LSC et al.

novo momento na vida dessas mulheres vitimadas.

Uma problemática ainda não resolvida está na formação acadêmica, aonde os futuros profissionais, na maioria dos cursos não oferecem noções de como agir nos casos de violência de gênero, lacuna que repercute negativamente na sua prática profissional e na resolutividade das ações.

Nessa perspectiva torna-se necessário capacitar os futuros e os já atuantes trabalhadores de saúde quanto à identificação, abordagem e atenção às mulheres que sofrem violência de gênero. Podemos dizer que tal capacitação precisa estar comprometida com os princípios de educação permanente e ser capaz de gerar no trabalho a transformação de sua prática e modo reflexivo, contrapondo o saber hegemônico e patriarcal tornando-os capazes de ajudar as mulheres reelaborar suas experiências de sofrimento e inferioridade contribuindo para sua emancipação. A educação permanente em saúde se configura como uma estratégia de educação profissional com foco problematização e mudança de práticas, tendo grande importância na ruptura dessa situação de estereótipo patriarcal.<sup>21,26</sup>

Dos serviços prestados pela rede de saúde as vítimas dessa opressão destaca-se a importância do psicólogo no serviço, justificando mais ainda a necessidade da capacitação desses profissionais como ferramenta promotora do processo emancipatório, despertando a consciência e perspectiva dessas mulheres que se encontram silenciadas, oprimidas e lesadas.

Um ponto muito importante é a criação de um elo entre profissional e vítima possibilitando uma melhor integração e articulação. Mediante a esse ensejo é importante frisar as atribuições do Agente Comunitário de Saúde ACS, nas estratégias e ações individuais e coletivas, objetivando a proteção e promoção da saúde, priorizando os grupos de maior vulnerabilidade, se justifica essa importância aos ACS devido a sua proximidade, possibilitando que as mulheres relatem fatos que não relatariam a outros profissionais, tornando-os capazes de prevenir ou intervir situações desse gênero.<sup>1</sup>

Salienta-se que é fundamental para dar visibilidade ao fenômeno da violência doméstica contra a mulher, a qualificação dos profissionais de saúde sob o enfoque de gênero, a criação de uma rede intersetorial que ofereça retaguarda as mulheres vitimizadas, discussões no âmbito das instituições de ensino, propiciando o processo

Emancipação das mulheres de sua condição de...

emancipatório levando ao empoderamento dessas mulheres.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Foram relativamente poucos artigos que atenderam ao delineamento, demonstrando assim a necessidade de mais estudos sobre essa temática que se faz tão importante no processo emancipatório das mulheres e situação de opressão de gênero, há ainda lacunas regionais, poucos estados brasileiros abordam essa temática podendo ser mais explorado, facilitando uma visão do panorama geral do Brasil, os artigos aqui abordados seguem a mesma vertente de ideias e estão bem argumentados, proporcionando um pensamento bastante reflexivo do assunto, possibilitando se necessário embasamento técnico científico para a produção de políticas públicas voltadas para a área de saúde da mulher com enfoque de gênero. O agressor oprime e enclausura da sociedade sua vítima, na intenção dela não ter como sair dessa situação, ou seja, opressão gera opressão, e retira a mulher do mundo do trabalho e do convívio social, dificultando assim sua libertação.

Quando esse modelo fortemente patriarcal e estereotipado for rompido, e convertido em isonomia dos papéis sociais entre homens e mulheres, do ponto de vista social, muita coisa se transformará e o avanço não será só da mulher em si, toda sociedade terá um desenvolvimento em diversas áreas dinâmico e transversal, impulsionado pela massa feminina que hoje se encontra inativa dentro de seus lares ainda sofrendo opressão de gênero.

Quebrando a hegemonia, o homem para ser homem não se faz necessário oprimir, violentar agredir nem coagir sua companheira, muito pelo contrário o relacionamento conjugal é um papel que deve ser vivenciado a dois de forma única e igualitária com direitos e deveres iguais, onde o diálogo, não discussões e imposições, deva prevalecer.

## REFERÊNCIAS

1. Garcia MV, Ribeiro LA, Jorge MT, Pereira GR, Resende AP. Caracterização dos casos de violência contra a mulher atendidos em três serviços na cidade de Uberlândia, Minas Gerais, Brasil. *Cad Saúde Pública* [Internet]. 2008 [cited 2014 Sept 21];24(11):2551-63. Available from: <http://www.scielo.br/pdf/csp/v24n11/10.pdf>
2. Lucena KDT, Silva ATMC, Freitas WMF, Bezerra IMP, Oliveira AKS, Carício MR. A abordagem de gênero no contexto do trabalho na ESF do município de João Pessoa (PB). *Saúde Debate*. 2010; 34( 86):456-66.

Lucena KDT de, Lima WR de, Deininger LSC et al.

Emancipação das mulheres de sua condição de...

3. Lucena KDT, Silva ATMC, Moraes RM, Bezerra IMP. Análise espacial da violência doméstica contra a mulher entre os anos de 2002 e 2005 em João Pessoa, Paraíba, Brasil. *Cad Saúde Pública* [Internet]. 2012 [cited 2014 Sept 20];28(6):1111-21. Available from: <http://www.scielo.br/pdf/csp/v28n6/10.pdf>
4. Monteiro CFS, Souza IEO. Vivência da violência conjugal: fatos do cotidiano. *Texto Contexto Enfermagem* [Internet]; 2007 [cited 2014 Aug 12];16(1):26-31. Available from: <http://webcache.googleusercontent.com/search?q=cache:plZOZiqXg3UJ:www.scielo.br/pdf/tce/v16n1/a03v16n1+&cd=1&hl=pt-BR&ct=clnk&gl=br>
5. Blay E A. Violência contra a mulher e políticas públicas. *Revista Estudos Avançados* [Internet]. 2003[cited 2014 Ago 10];17(49):87-98. Available from: <http://www.scielo.br/pdf/ea/v17n49/18398.pdf>.
6. Fonseca DH, Ribeiro CG, Leal NSB. Violência doméstica contra a mulher: realidades e representações sociais. *Revista Psicologia Sociedade* [Internet]. 2012 [cited 2014 Oct 12];2(2):307-14. Available from: <http://www.scielo.br/pdf/psoc/v24n2/07.pdf>
7. Brasil. Ministério da Educação. Lei no 11.340, de 07 de agosto de 2006. *Diário Oficial da República Federativa do Brasil*, Brasília; 2006.
8. Mendes KDS, Silveira RCC, Galvao CM. Revisão integrativa: método de pesquisa para a incorporação de evidências na saúde e na enfermagem. *Texto contexto enferm* [Internet]. 2008 Oct/Dec [cited 2013 Oct 20];17(4):758-64. Available from: [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0104-07072008000400018](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-07072008000400018).
9. Melnyk BM, Fineout-Overholt E. Making the case for evidence-based practice. In: Melnyk BM, Fineout-Overholt E. *Evidence-based practice in nursing & healthcare: a guide to best practice*. Philadelphia: Lippincott Williams & Wilkins; 2005 [Internet]. 2006 [cited 2013 Aug 3];3-24. Available from: [http://download.lww.com/wolterskluwer\\_vitals\\_tream\\_com/PermaLink/NCNJ/A/NCNJ\\_546\\_156\\_2010\\_08\\_23\\_SADFJO\\_165\\_SDC216.pdf](http://download.lww.com/wolterskluwer_vitals_tream_com/PermaLink/NCNJ/A/NCNJ_546_156_2010_08_23_SADFJO_165_SDC216.pdf)
10. Guedes RN, Silva ATMC, Coelho EAC. Violência conjugal: problematizando a opressão das mulheres vitimizadas sob olhar de gênero. *Rev Eletronic Enferm* [Internet]. 2007 [cited 2014 Oct 20];9(2):362-78. Available from: <http://www.fen.ufg.br/revista/v9/n2/v9n2a06.htm>.
11. Guedes RN, Silva ATMC, Coelho EAC. Vida de mulher e saúde: problematizando a realidade com profissionais do cuidado. *Online Braz J Nurs* [Internet]. 2007 [cited 2014 Oct 21];6(2):9-14. Available from: <http://www.objnursing.uff.br/index.php/nursing/rt/printerFriendly/j.1676-4285.2007.712/200>
12. Guedes RN, Silva ATMC, Coelho EAC, Silva CC, Freitas WMF. A violência conjugal sob o olhar de gênero: dominação e possibilidade de desconstrução do modelo idealizado hegemonicamente de casamento. *Online Braz J Nurs* [Internet]. 2007[cited 2014 Oct 21];6(3):5-10. Available from: <http://www.objnursing.uff.br//index.php/nursing/article/view/j.1676-4285.2007.1103/261>
13. Cerruti MQ, Rosa MD. Em busca de novas abordagens para a violência de gênero: a desconstrução da vítima. *Rev Mal Estar Subj* [Internet]. 2008[cited 2014 Oct 30]; 8(4):1047-76. Available from: <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/malestar/v8n4/09.pdf>
14. Pedrosa CM. A construção de uma ferramenta social para promoção da saúde e dos direitos das mulheres. *Paidéia* [Internet]. 2009[cited 2014 Oct 2];42(19):123-29. Available from: <http://www.scielo.br/pdf/paideia/v19n42/15>
15. Guedes RN, Silva ATMC, Fonseca RM. A violência de gênero e o processo saúde-doença das mulheres. *Esc Anna Nery* [Internet]. 2009 [cited 2014 Aug 23];13(3):625-31. Available from: [http://www.producao.usp.br/bitstream/handle/BDPI/3822/art\\_GUEDES\\_A\\_violencia\\_de\\_genero\\_e\\_o\\_processo\\_2009.pdf?sequence=1](http://www.producao.usp.br/bitstream/handle/BDPI/3822/art_GUEDES_A_violencia_de_genero_e_o_processo_2009.pdf?sequence=1)
16. Fonseca RMGS, Leal AERB, Skubs T, Guedes RN, Egry EY. Violência doméstica contra a mulher na visão do agente comunitário de saúde. *Rev Latino-Am Enfermagem* [Internet]. 2009 [cited 2014 Oct 25]; 17(6):974-80. Available from: [http://www.scielo.br/pdf/rlae/v17n6/pt\\_08.pdf](http://www.scielo.br/pdf/rlae/v17n6/pt_08.pdf)
17. Yepes FLD, Hernández CE. Haciendo visible lo invisible: Violencia de género y entre generaciones en una comunidad indígena colombiana. *Investig Educac Enferm* [Internet]. 2010 [cited 2014 Sept 20]; 28(3):443-53. Available from: <http://www.redalyc.org/pdf/1052/105215721015.pdf>
18. Timm FB, Pereira OP, Gontijo DC. Psicologia, Violência contra Mulheres e Feminismo: em defesa de uma clínica política. *Rev Psicol Política*. 2011; 11: 225-236.

Lucena KDT de, Lima WR de, Deininger LSC et al.

Emancipação das mulheres de sua condição de...

19. Guedes RN, Fonseca RMGSA. autonomia como necessidade estruturante para o enfrentamento da violência de gênero. Rev Esc Enferm USP [Internet]. 2011 [cited 2014 Aug 12]; 45 (Esp. 2):1731-5. Available from: [www.revistas.usp.br/Freeusp/Farticle/Fdownload/F40896/F44359&ei=lu30VLuuO8G1sATY74KQDg&usg=AFQjCNEj6hX8mOfgRsLJPr88Mx5Exbev4w&sig2=J2UoM59XyqCcZVbPnNi-zA&bvm=bv.87269000,d.cWc](http://www.revistas.usp.br/Freeusp/Farticle/Fdownload/F40896/F44359&ei=lu30VLuuO8G1sATY74KQDg&usg=AFQjCNEj6hX8mOfgRsLJPr88Mx5Exbev4w&sig2=J2UoM59XyqCcZVbPnNi-zA&bvm=bv.87269000,d.cWc)

[=f&src=s&source=web&cd=1&cad=rja&uact=8&ved=0CB0QFjAA&url=http%3A%2F%2Fwww.revista.ufpe.br%2Frevistaenfermagem%2Findex.php%2Frevista%2Farticle%2Fdownload%2F6140%2F10087&ei=9VX2VliZEunjsAS58YAQ&usg=AFQjCNEVktNCvWzi1mebliCuxpJJE-FOJQ&sig2=CPKYI0lBm70cOj45t\\_oKXw&bvm=bv.87269000,d.cWc](http://www.revistas.usp.br/Freeusp/Farticle/Fdownload/F40896/F44359&ei=lu30VLuuO8G1sATY74KQDg&usg=AFQjCNEj6hX8mOfgRsLJPr88Mx5Exbev4w&sig2=J2UoM59XyqCcZVbPnNi-zA&bvm=bv.87269000,d.cWc)

20. Montoya JHE, Sánchez-Alfaro LA. Las violencias de género como problema de salud pública: una lectura en clave Bioética. Rev Colomb Bioét [Internet]. 2011[cited 2014 Oct 21];6(1):36-61. Available from: <http://www.redalyc.org/pdf/1892/189219032004.pdf>

21. Vieira LB, Padoin SMM, Souza IEO, Paula CC. Intencionalidades de mulheres que decidem denunciar situações de violência. ACTA paul enferm [Internet]. 2012 [cited 2013 Oct 25];25(3):423-9. Available from: [http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0103-21002012000300016&script=sci\\_arttext](http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0103-21002012000300016&script=sci_arttext)

22. Porto M, Bucher-Malusckhe JSNF. Violência, mulheres e atendimento psicológico na Amazônia e no Distrito Federal. .Psicol estud [Internet]. 2012 [cited 2014 Ago 15];17(2):45-51. Available from: [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1413-73722012000200013](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-73722012000200013)

23. Freitas WMF, Oliveira MHB, Silva ATMC. Concepções dos profissionais da atenção básica à saúde acerca da abordagem da violência doméstica contra a mulher no processo de trabalho: necessidades (in)visíveis. Saúde Debate. 2013; 37(98):457-466.

24. Almeida LR, Silva ATMC, Machado LS. Jogos para capacitação de profissionais de saúde na atenção à violência de gênero. Rev bras educ med [Internet]. 2013[cited 2014 Aug 23];37(1):23-31. Available from: [http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0100-55022013000100016&script=sci\\_arttext&tlng=pt](http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0100-55022013000100016&script=sci_arttext&tlng=pt)

25. Almeida LR, Silva ATMC, Machado LS. O objeto, a finalidade e os instrumentos do processo de trabalho em saúde na atenção à violência de gênero em um serviço de atenção básica. Interface [Internet]. 2014 [cited 2014 Oct 26];18(48):47-60. Available from: <http://www.scielo.br/pdf/icse/v18n48/1807-5762-icse-18-48-0047.pdf>

26. Gonçalves TKC, Lemos A, Tocantins FR. Women, Violence, and Nursing: Bibliometric Study. J Nurs UFPE on line [Internet]. 2014 [cited 2014 Sept 23];8(8):2864-71. Available from: <https://www.google.com.br/url?sa=t&rct=j&q>

Submissão: 05/03/2015

Aceito: 03/05/2015

Publicado: 01/09/2015

#### Correspondência

Layza de Souza Chaves Deininger  
Rua Bacharel Irenaldo de Albuquerque Chaves,  
201, Bloco F, Ap. 405  
CEP 580360-460 . Bessa. João Pessoa-PB,  
Brasil